

Ameaça e medo na sala de aula

MARCELA DUARTE
DA EQUIPE DO CORREIO

Juras de morte, medo e desconforto fazem parte do ambiente escolar nas redes pública e particular do Distrito Federal. O número de ameaças contra educadores registradas pelo Batalhão Escolar é pequeno. Mas, segundo o Sindicato dos Professores (Sinpro/DF), as estatísticas não refletem a realidade. Com receio de ficarem expostos, muitos professores não procuram a polícia e optam por conciliações socioeducativas. Especialistas afirmam que quem passa pelo constrangimento sente dificuldade em retomar às atividades no ambiente de trabalho.

Há duas semanas, ao chamar a atenção de uma turma de 45 estudantes em uma escola pública do Entorno, Rogério (nome fictício) foi ameaçado de morte por um aluno que o intimidou em nome dos colegas. "Ele disse que na sala havia muitos 'malas' e que não demoraria para que eu levasse um tiro na cara. Naquele momento, eu estava exercendo o papel de mestre e fui ameaçado de morte por adolescentes."

No dia, Rogério não chamou a polícia, mas comunicou o fato à direção da escola, que o orientou a ter uma conversa particular com o aluno. "Me senti acuado. O medo não é do aluno, mas com quem ele anda. Além de professor, a gente tem que ser artista, fingir que está tudo bem, fazer o papel de pai, mãe e psicólogo. E o pior, se procurar a polícia vou me expor mais ainda", desabafa o professor, com seis anos de profissão.

A violência também assusta profissionais de escolas particulares. Além da ameaça de alunos, eles garantem ser vítimas da pressão social. "Nas instituições particulares, os alunos não hesitam em dizer de quem são filhos antes de proferir palavras grosseiras. No final do ano passado, fui desarmar um estudante que estava com um estilete envolvido em uma briga. Ele se virou, com o

estilete em punho, e por pouco não me agrediu. Fui orientado a não chamar a polícia para preservar o nome da escola, do aluno e da família do garoto. Fiz o que eles me pediram. E não adiantou. Dois meses depois fui demitido", conta Marcelo (nome fictício), ex-funcionário de uma escola particular, no Plano Piloto.

Estatística

Este ano, até o mês de abril, o Batalhão Escolar da Polícia Militar registrou oito ocorrências de ameaça no Distrito Federal. Metade delas ocorreu dentro do perímetro das escolas. Segundo Carlos Garibel, professor em uma escola no Paranoá e diretor do Sinpro/DF, o pequeno índice de ocorrências registradas é uma característica que comprova o medo dos colegas. "Sempre escutamos histórias. Mas a maioria dos professores sabem que, ao pedir ajuda à polícia, passa a ser visto como repressor pelo aluno que o ameaçou e pelos outros. Por isso busca o diálogo, com a direção da escola, com a família, e fica por isso mesmo."

Murilo (nome fictício) também foi vítima ao tentar separar uma briga dentro da sala de aula. O episódio aconteceu há um ano. "O aluno quebrou uma vidraça, pegou um pedaço de caco de vidro e foi para cima de um colega. Fui impedir a agressão e ele me ameaçou. Os outros estudantes que estavam na sala ficaram desesperados. Informei à direção e não chamamos a polícia. Levantamos a ficha dele e descobrimos que o pai era presidiário e a mãe, desequilibrada mental. O aluno desapareceu durante alguns dias. Quando voltou, disse que iria mudar para o Nordeste e até chegar lá mataria todos que tivessem o mesmo nome que eu."

Depois da ameaça, Murilo teve dificuldade para retomar o trabalho e enfrentar o grupo de alunos que presenciou a agressão. "Tive que reconquistar a confiança de todos. A relação ficou abalada. Todos temiam o que poderia acontecer dali em diante. Me senti inseguro por um bom tempo, tinha medo de sair de casa. Qualquer um que se aproximava, eu pensava que me faria algum mal."

Adriana Kalil é psicóloga da Gerência de Perícia Médica e Odontológica da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Ela integra a junta médica que faz perícia de atestados médicos de professores que pedem afastamento do trabalho. Para ela, o profissional afastado por problemas emocionais pode sofrer com relações afetivas, familiares. "Entre os problemas ligados à profissão pode estar a ameaça. Dependendo da estrutura emocional da pessoa, ela desenvolve depressão, ansiedade, sentimento de incapacidade. Cada um reage de um jeito."

Breno Forte/CB



DEPOIS DE DAR UMA BRONCA EM UMA TURMA DE 45 ALUNOS, ROGÉRIO FOI INTIMIDADO POR UM DOS ESTUDANTES

AS OCORRÊNCIAS

Ameaças registradas de janeiro a abril de 2005 pelo Batalhão Escolar

✓ 1ª Companhia do Batalhão Escolar – (Asa Sul, Asa Norte, Lago Sul, Lago Norte e Varjão)

Um caso em março – dentro do ambiente escolar

✓ 2ª Companhia do Batalhão Escolar – (Sobradinho, Planaltina, Paranoá e São Sebastião)

Uma ocorrência em fevereiro – dentro do ambiente escolar

✓ 3ª Companhia do Batalhão Escolar – (Brazlândia e Ceilândia)

Dois registros em março – fora do ambiente escolar

✓ 4ª Companhia do Batalhão Escolar – (Taguatinga, Guará, Núcleo Bandeirante, Candangolândia e Riacho Fundo I e II)

Nenhum registro

✓ 5ª Companhia do Batalhão Escolar – (Gama, Santa Maria e Recanto das Emas)

Quatro casos – dois em março, dentro do ambiente escolar, e dois em abril, um fora do ambiente escolar e outro dentro

PREVENÇÃO

A Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), da Secretaria de Educação do DF, vai realizar de agosto a novembro o curso Prevenção à Violência, o Desafio da Educação Contemporânea. Os professores interessados devem acessar o site www.se.df.gov.br ou se informar com diretores das unidades de ensino. Informações: 361-4059 e 361-9217.